

PRODUTOR: Emissora Nacional ☒

RDP ☒

Nº. de referência: 8 556

Título: "O BISPO NEGRO"

Título da Série: MINITEATRO

Autor (obra original): HERCULANO, ALEXANDRE

Adaptador: PINHÃO, LUÍS

Realizador: STREET, EDUARDO

Locutor: ?

Data de produção: 12/1/1976

Data de Emissão: 24/1/1977

Nº. de Episódios: 1

ACTORES	PERSONAGENS
MÁRIO SARGEDAS	NARRADOR
RUI DE CARVALHO	AFONSO HENRIQUES
CARLOS WALLENSTEIN	LOURENÇO VIEGAS
HENRIQUE SANTOS	BISPO
LUÍS PINHÃO	ADAÍÃO
CARLOS FERNANDES	PAGEIM
RUI FERRÃO	D. SOLEIYA - O BISPO NEGRO
VICTOR DE SOUSA	GONÇALO DE SOUSA
LUÍS FILIPE	CARDEAL

Estado de conservação: Bom ☐ Razoável ☒ Mau ☐

Tipo de Suporte:

Original ☒ Cópia ☐

Registo Sonoro: Sim ☐ Não ☒

Nº do Registo Sonoro:

Leis

(V.S.F.F.)



Notas:

- DIR. ARTÍSTICA - F. CURADO RIBEIRO

Indexação: - TEATRO RADIOFÔNICO



D.S.P.
R.P.L.

Programas com composição

FOLHA DE PRESENÇAS

Título do programa *Manifestação "O Bispo Negro"* Referência } N.º/R.P.L.
N.º S.P.P.

Episódio N.º Datas { da gravação 24 de Janeiro de 1977 às 9,15 horas.
da 1.ª emissão de .. de 19 Programa ..

Director artístico *Fernando Cereado Ribeiro*

F. Ribeiro

ELENCO DO PROGRAMA

Nome dos artistas ou vozes	Figuras	Rubrica dos intérpretes
<i>Mário Paesadas</i>	<i>Narrador</i>	<i>Luis Paesadas</i>
<i>Rui de Carvalho</i>	<i>Alfonso Henriques</i>	<i>Rui de Carvalho</i>
<i>Carlos Wallensteen</i>	<i>Souzeno Viegas</i>	<i>Carlos Wallensteen</i>
<i>Henrique Santos</i>	<i>Bispo</i>	<i>Henrique Santos</i>
<i>Luís Pinhão</i>	<i>Adrião</i>	<i>Luís Pinhão</i>
<i>Carlos Fernando</i>	<i>Paesadas</i>	<i>Carlos Fernando</i>
<i>Rui Ferrão</i>	<i>D. Lourenço - Bispo de</i>	<i>Rui Ferrão</i>
<i>Vitor de Sousa</i>	<i>Joaquim de Sousa</i>	<i>Vitor de Sousa</i>
<i>Luís Filipe</i>	<i>Cardenal</i>	<i>Luís Filipe</i>
<i>F. Ribeiro</i>		

Pessoal da Emissora Nacional

Produtor *Eduardo Street*

Locutor

Captação

Gravação

Visto do Chefe da S.P.P.

Lisboa, 24 de Janeiro de 1977


ALEXANDRE HERCULANO, ~~uma~~ ~~literário~~ ~~do Alexandre Herculan~~ ~~o~~ ~~Heráclito~~ além de romancista, narrador, doutrinário e polemista, é o maior historiador português e um dos grandes nomes da nossa literatura romântica. Nasceu em Lisboa a 28 de Março de 1810. Notável como poeta e como romancista, Alexandre Herculano é incomparável como historiador. O seu estilo grave e severo, de uma correcção e vernaculidade modelares, assegura-lhe lugar honroso entre os grandes clássicos portugueses. A segurança do seu método, a paciência das suas pesquisas, a sagacidade das suas induções, a amplitude das suas sínteses/fazem da obra de Alexandre Herculano um monumento que desafia a acção do tempo e cuja grandeza parece aumentar à medida que este decorre. A sua nobreza moral e intransigência de princípios não deixaram de lhe causar dissabores e desilusões, como era natural dentro duma sociedade onde poucos alcançavam a sua estatura moral. Tanto assim, que em 1867 se recolhe à quinta de Vale de Lobos, perto de Santarém, onde, isolado, passa os últimos dez anos da sua vida dedicando-se à agricultura, e onde vem a falecer a 13 de Setembro de 1877. O maior vulto das letras lusitanas no séc. XIX (e talvez em todos os tempos, se exceptuarmos Camões), jaz em túmulo monumental no Mosteiro dos Jerónimos. ~~"O Bispo Negro" é uma parte das "Lendas e Narrativas"~~

As suas principais obras de historiador são: "História de Portugal" (1846-1853), "História da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal" (1854-1859), "Estudos sobre o Casamento Civil" (1866) e "Opúsculos" (1873-1908); de romancista e contista: "Monasticism" (I-Eurico, o Presbítero - 1844 - e II-O Monge de Cister - 1848), "Lendas e Narrativas" (1851) e "O Bobo" (1878); de poesia: "A Harpa do Crente" (1838).¹

O 'BISPO NEGRO' que faz parte da 'LENDAS E NARRATIVAS' é apresentado, pela 'Radio difusão Portuguesa' durante as comemorações do primeiro Centenário da morte de Alexandre Herculano:

MINI - TEATRO

O BISPO NEGRO

SERVIÇOS CRIATIVOS

PROPOSTA N.º 326

DATA DE ENTRADA 12/1/76

PEIDIO DE PRAZÃO
GRAMAREM 24/1/76

HORA 10.30

NUMERO DO PEDIO
DE GRAMAREM

PROGRAMA

EMISSION DE

NOTAS

VISTO

Um conto de

ALEXANDRE HERCULANO

Numa adaptação de

LUÍS PINHAO

Dir. - F.C. Ribeiro
Sou - Eduardo Soret

Personagens

NARRADOR

AFONSO HENRIQUES

LOURENÇO VIEGAS

BISPO

ADALÃO

PAGEM

D. SOLEIMA - O BISPO NEGRO

GONÇALO DE SOUSA

CARDEAL

Mário Sáfedias

Rui de Camêlho

Carlos Wallenstein

Henrique Santos

Luís Pinhas

Carlos Fernando

Rui Ferrás

Victor de Góes

Luís Filipe

original

ALEXANDRE HERCULANO, nome literário de Alexandre Herculano de Carvalho e Araújo, além de romancista, narrador, doutrinário e polemista, é o maior historiador português e um dos grandes nomes da nossa literatura romântica. Nasceu em Lisboa a 28 de Março de 1810. Notável como poeta e como romancista, Alexandre Herculano é incomparável como historiador. O seu estilo grave e severo, de uma correcção e vernaculidade modelares, assegura-lhe lugar honroso entre os grandes clássicos portugueses. A segurança do seu método, a paciência das suas pesquisas, a sagacidade das suas induções, a amplitude das suas sínteses fazem da obra de Alexandre Herculano um monumento que desafia a acção do tempo e cuja grandeza parece aumentar à medida que este decorre. A sua nobreza moral e intransigência de princípios não deixaram de lhe causar dissabores e desilusões, como era natural dentro duma sociedade onde poucos alcançavam a sua estatura moral. Tanto assim que em 1867 se recolhe à quinta de Vale de Lobos, perto de Santarém, onde, isolado, passa os últimos dez anos da sua vida dedicando-se à agricultura, e onde vem a falecer a 13 de Setembro de 1877. O maior vulto das letras lusitanas no séc. XIX e talvez em todos os tempos, se exceptuarmos Camões, jaz em túmulo monumental no Mosteiro dos Jerónimos. "O Bispo Negro" faz parte das "Lendas e Narrativas".

ALEXANDRE HERCULANO, nome literário de Alexandre Herculano de Carvalho e Araújo, além de romancista, narrador, doutrinário e polemista, é o maior historiador português e um dos grandes nomes da nossa literatura romântica. A sua vida, que é um exemplo de austeridade e coerência moral, está intimamente ligada aos sucessos políticos da sua época. Nasceu em Lisboa, no Pátio do Gil, à Rua de S. Bento, a 28 de Março de 1810 e fez os seus primeiros estudos humanísticos com os Oratorianos. Frequentou mais tarde a aula de matemática da Academia Real da Marinha e depois a aula de diplomática na Torre do Tombo. Em 1831, envolvido numa frustrada revolta política, é obrigado a emigrar para Rennes, na Bretanha Francesa. Segue de lá para Belle Isle, donde parte em 1832 para os Açores com outros compatriotas (entre eles Garrett) a reunir-se ao exército liberal da Ilha Terceira que desembarca no Mindelo. Toma parte no cerco do Porto e em outras operações do Norte, acabando por abandonar o serviço militar, onde dera sobejas provas de valentia. Começa então Alexandre Herculano a sua carreira de estudioso com a nomeação para o modesto cargo de auxiliar da biblioteca do Paço Episcopal do Porto e mais tarde para 2.º bibliotecário da Biblioteca Municipal da mesma cidade, cargo de que vem a demitir-se por discordância política. Finalmente, em 1839, é nomeado, por D. Fernando, bibliotecário da Ajuda. Daqui por diante, à parte curta actividade jornalística de circunstância, a sua vida é toda ela votada ao estudo e à meditação. Notável como poeta e como romancista, Alexandre Herculano é incomparável como historiador. O seu estilo grave e severo, de uma correcção e vernaculidade modelares, assegura-lhe lugar honroso entre os grandes clássicos portugueses. A segurança do seu método, a paciência das suas pesquisas, a sagacidade das suas induções, a amplitude das suas sínteses fazem da obra de Alexandre Herculano um monumento que desafia a acção do tempo e cuja grandeza parece aumentar à medida que este decorre. A sua nobreza moral e intransigência de princípios não deixaram de lhe causar dissabores e desilusões, como era natural dentro duma sociedade onde poucos alcançavam a sua estatura moral. Em 1856 ocorreu um facto de decisiva influência na futura orientação da vida do historiador. A Academia, da qual ele era presidente, decidira suspender um funcionário, sob a acusação de se ter apropriado de documentos a ela pertencentes; e então o governo, que era inimigo de Alexandre Herculano, nomeou o incriminado director do Arquivo da Torre do Tombo, o que moralmente vedava ao escritor o acesso à fonte principal dos seus estudos. Alexandre Herculano, homem intensamente emotivo, perdeu o gosto pelo trabalho literário. Tanto assim que em 1867, tendo casado, se recolhe à quinta de Vale de Lobos, perto de Santarém, onde, isolado, passa os últimos dez anos da sua vida dedicando-se à agricultura, e onde vem a falecer a 13 de Setembro de

1877. O maior vulto das letras lusitanas no séc. XIX e talvez em todos os tempos, se exceptuarmos Camões, jaz em túmulo monumental no Mosteiro dos Jerónimos. As suas principais obras de historiador são: "História de Portugal" (1846-1853), "História da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal" (1854-1859), "Estudos sobre o Casamento Civil" (1866) e "Opúsculos" (1873-1908); de romancista e contista: "Monasticon" (I-Eurico, o Presbítero - 1844 - e II-O Monge de Cister - 1848), "Lendas e Narrativas" (1851) e "O Bobo" (1878); de poesia: "A Harpa do Crente" (1838). "O Bispo Negro" faz parte das "Lendas e Narrativas".

O SOM DOS SINOS, REPICANDO FESTIVAMENTE, VEM A PRIMEIRO PLANO - UM TEMPO - DEPOIS DILUI-SE ATÉ DESAPARECER

NARRADOR

Houve tempo em que a velha catedral conimbricense, hoje abandonada de seus bispos, era formosa; houve tempo em que essas pedras, ora tismadas pelos anos, eram ainda pálidas, como as margens areentas do Mondego. Então, o luar, batendo nos lanços dos seus muros, dava um reflexo de luz suavíssima, mais rica de saudade que os próprios raios daquele planeta guardador dos segredos de tantas almas, que crêem existir nele, e só nele, uma inteligência que as perceba. Então aquelas ameias e torres não haviam sido tocadas das mãos de homens, desde que os seus edificadores as tinham colocado sobre as alturas; e, todavia, já então ninguém sabia se esses edificadores eram da nobre raça goda, se da dos nobres conquistadores árabes. Mas, quer filha dos valentes do Norte, quer dos pugnacíssimos Sarracenos, ela era formosa, na sua singela grandeza, entre as outras sés das Espanhas. Aí sucedeu o que ora ouvireis contar. (TOQUE FESTIVO DE TROMBETAS) Aproximava-se o meado do duodécimo século. O príncipe de Portugal, Afonso Henriques, depois de uma revolução feliz, tinha arrancado o poder das mãos de sua mãe. Se a história se contenta com o triste espectáculo de um filho condenando ao exílio aquela que o gerou, a tradição carrega as tintas do quadro, pintando-nos a desditosa viúva do conde Henrique a arrastar grilhões no fundo de um calabouço. A história conta-nos o facto; a tradição os costumes. A história é verdadeira, a tradição verosímil; e o verosímil é o que importa ao que busca as lendas da pátria. (GOLPE MUSICAL) Em uma das torres do velho alcácer de Coimbra, assentado entre duas ameias, a horas em que o Sol fugia no horizonte, o príncipe conversava com Lourenço Viegas, o Espadeiro, e com ele dispunha meios e apurava traças para guerrear a mourisma. E lançou casualmente os olhos para o caminho que guiava ao alcácer e viu o bispo D. Bernardo, que, montado em sua nédia mula, cavalgava apressado pela encosta acima.

AMBIENTE EXTERIOR - CHILREAR DE PÁSSAROS

AFONSO HENRIQUES

Vedes vós, Lourenço Viegas, o nosso leal D. Bernardo, que para cá se encaminha?

LOURENÇO VIEGAS

E vem açodado.

AFONSO HENRIQUES

Negócio grave, por certo, o faz sair a tais desoras da crasta da sua sé. Desçamos à sala de armas e vejamos o que ele quer. (PASSOS NO LAJEDO - PORTA RANGENDO NOS GONZOS) Hei conseguido, Lourenço Viegas, chegar antes dele.

LOURENÇO VIEGAS

Vitória não canteis, senhor! Pois que, ao mesmo tempo, assomou no grande portal de entrada o vulto venerável e solene do bispo D. Bernardo.

AFONSO HENRIQUES

Deixai-o aproximar! (PASSOS QUE SE APROXIMAM) Guardai-vos Deus, dom bispo! Que mui urgente negócio vos traz aqui esta noite?

BISPO - OFEGANTE

Más novas, senhor. Trazem-me aqui a mim letras do papa, que ora recebi.

AFONSO HENRIQUES

E que quer de vós o papa?

BISPO

Que de sua parte vos ordene solteis vossa mãe...

AFONSO HENRIQUES

Nem pelo papa, nem por ninguém o farei.

BISPO

E manda-me que vos declare excomungado, se não quiserdes cumprir o seu mandado.

AFONSO HENRIQUES

E vós que intentais fazer?

BISPO

Obedecer ao sucessor de S. Pedro.

AFONSO HENRIQUES

Quê? D. Bernardo amaldiçoaria aquele a quem deve o bago pontifical; aquele que alevantou do nada? Vós, bispo de Coimbra, excomungaríeis o vosso príncipe, por-

que ele não quer pôr a risco a liberdade desta terra remida das opressões do senhor de Trava e do jugo do rei de Leão; desta terra que é só minha e dos cavaleiros portugueses?

BISPO

Tudo vos devo, senhor, salvo a minha alma, que pertence a Deus, a minha fé, que devo a Cristo, e a minha obediência, que guardarei ao papa.

AFONSO HENRIQUES - SUFOCADO DE CÓLERA

D. Bernardo! D. Bernardo!, lembrai-vos de que afronta que se me fizesse nunca ficou sem paga!

BISPO

Quereis, senhor infante, soltar vossa mãe?

AFONSO HENRIQUES - NUMA EXPLOÇÃO

Não! Mil vezes não!

BISPO - DEPOIS DE PAUSA, COM A VOZ ESTRANGULADA

Guardai-vos! (PASSOS NO LAJEDO QUE SE AFASTAM - PAUSA)

LOURENÇO VIEGAS

Ficastes pensativo, senhor?

AFONSO HENRIQUES

Porque o dizeis?

LOURENÇO VIEGAS

Pareceis envolto em fundo pensar. Acaso temeis que D. Bernardo cumpra as ordens do apostólico?

AFONSO HENRIQUES

D. Bernardo não irá tão longe; tão longe ele não irá! E se for... Daqui a pouco, Lourenço Viegas, o alcácer de Coimbra jazerá, como o resto da cidade, no mais profundo silêncio. No sossego da minha câmara, consertarei o que há a fazer...

S E P A R A D O R

LOURENÇO VIEGAS

Persistis, senhor, no vosso intento?

AFONSO HENRIQUES

O que hei resolvido, resolvido está!

LOURENÇO VIEGAS

Sabeis, senhor, que D. Bernardo há partido?

AFONSO HENRIQUES

Há partido D. Bernardo?!

LOURENÇO VIEGAS

Se eu próprio o vi, montado na sua nédia mula, ir lá muito ao longe, caminho da terra de Santa Maria!

AFONSO HENRIQUES

Tanto melhor... para ele!

LOURENÇO VIEGAS - RECEOSO

Na porta da sé estava pregado um pergaminho com larga escritura, que, segundo me afirmou um clérigo velho que aí chegara quando eu olhava para aquela carta, era o que eles chamam o interdito...

AFONSO HENRIQUES

Pela vossa atitude, olhando para todos os lados, parece que temeis algo?

LOURENÇO VIEGAS

Assim é, senhor!

AFONSO HENRIQUES

Que receias, Lourenço Viegas? Dei a Coimbra um bispo que me excomunga, porque assim o quis o papa: dar-lhe-ei outro que me absolva, porque assim o quero eu. Vem comigo à sé. Daqui a pouco as suas portas estarão abertas, porque o Sol é nado já. Dirigir-nos-emos à crasta, onde, ao som de campã tangida, hei mandado ajuntar o cabido, com pena~de morte para o que aí faltar. (RANCOROSO) Bispo D. Bernardo, quando te arrependeres da tua ousadia já será tarde.

*Substituir
Folha 6*

SEPARADOR

Ambiente Exterior - De espaço a espaço um toque de Sineta.

Adaião - (um sussurro

O infante é chegado, irmãos!

Passos no lajedo

Toque de Sineta

Adaião (mesmo jogo anterior)

Olhai, irmãos! No topo da crista está o príncipe em pé, encostado ao punho da espada. E, um pouco atrás dele, Lourenço Viegas, o Espadeiro -
- e dois pagens.

Toque de Sineta

Passos no lajedo

SEPARADOR (Golpe de transição)

Afonso Henriques

Vêde, Lourenço Viegas! Solene é o espectáculo que apresenta a crasta da Sé de Coimbra. O Sol dá com todo o brilho de manhã puríssimo, por entre os pilares que sustentam as abóbadas dos cobertores que cercam o pátio interior. Ao longo desses cobertores caminham os cônegos com passos lentos, e as largas roupas ondeiam-lhes ao bafo suave do vento matutino.

Passos tocando terreno

Toque de Sineta

Lourenço Viegas

Olhai e vêde, pagen!

Pagen

O quê, Lourenço Viegas?

Lourenço Viegas

Os cônegos vão chegando e formam um semi-círculo a pouca distância de El-rei, em cuja cervulheira de malha de ferro fervem buliçosos os raios de Sol.

Toque de SinetaPacer

Toda a clerezia da Sé está aqui apinhada, Lourenço Viegas.

Lourenço Viegas

Assim é! E o príncipe, sem dar palavra e com os olhos fitos no chão, parece envolto em fundo pensar.

O silêncio é completo.

Esperai! Eis ^{que} o Infante ergue o rosto carrancudo e ameaçador...

Vai falar...

S E P A R A D O R

AMBIENTE EXTERIOR - DE ESPAÇO A ESPAÇO UM TOQUE DE SINETA

ADAIÃO - NUM SUSSURRO

O infante há chegado, irmãos! (PASSOS NO LAJEDO)

AFONSO HENRIQUES

Vede, Lourenço Viegas! Solene é o espectáculo que apresenta a crasta da sé de Coimbra. O sol dá, com todo o brilho de manhã puríssimo, por entre os pilares que sustêm as abóbadas dos cobertos que cercam o pátio interior. Ao longo desses cobertos caminham os cónegos com passos lentos, e as largas roupas ondeiam-lhes ao bafo suave do vento matutino.

ADAIÃO - NUM SUSSURRO

Olhai, irmãos! No topo da crasta está o príncipe em pé, encostado ao punho da espada, e, um pouco atrás dele, Lourenço Viegas - o Espadeiro - e dois pajens.

LOURENÇO VIEGAS

Olhai e vede, pagem!

PAGEM

O quê, Lourenço Viegas?

LOURENÇO VIEGAS

Os cónegos vão chegando e formam um semicírculo a pouco distância de el-rei, em cuja cervilheira de malha de ferro fervem buliçosos os raios do Sol. (PARAM OS TOQUES DE SINETA)

PAGEM

Toda a clerezia da sé está aqui apinhada, Lourenço Viegas.

LOURENÇO VIEGAS

Assim é! E o príncipe, sem dar palavra e com os olhos fitos no chão, parece envolto em fundo pensar. O silêncio é completo. Esperai! Eis que o infante ergue o rosto carrancudo e ameaçador. Vai falar...

AFONSO HENRIQUES

Cónegos da sé de Coimbra, sabeis a que vem aqui o infante de Portugal? (PAUSA)
Se não sabeis, dir-vo-lo-ei eu: vem assistir à eleição do bispo de Coimbra.

ADAIÃO - BAIXO

À eleição do bispo de Coimbra?! (ALTO) Senhor, bispo havemos. Não cabe aí nova eleição. (VOZES: Amém!)

AFONSO HENRIQUES - COLÉRICO

Esse que vós dizeis, Adaião - visto serdes o mais velho e autorizado dos cónegos que estão aqui presentes - esse jamais o será. Tirar-me quis ele o nome de filho de Deus; eu lhe tirarei o nome do seu vigário. Juro que nunca em meus dias porá D. Bernardo pés em Coimbra: nunca mais da cadeira episcopal ensinará um rebelde a fé das santas escrituras! Elegei outro: eu aprovarei vossa escolha.

ADAIÃO

Senhor, bispo havemos. Não cabe aí nova eleição. (VOZES: Amém!)

AFONSO HENRIQUES - NO AUGÉ DO FUROR

Pois bem! Pois bem! Saí daqui, gente orgulhosa e má! Saí, vos digo eu! Alguém por vós elegerá um bispo... (GRANDE SUSSURRO SEGUIDO DE PASSOS NO LAJEDO)

LOURENÇO VIEGAS

Senhor!

AFONSO HENRIQUES

Dizei, Lourenço Viegas!

Entre os que aqui se achavam, um negro, vestido de hábitos cléricais, esteve encostado a um dos pilares, observando a cena: os seus cabelos revoltos contrastavam pela alvura com a pretidão da tez.

AFONSO HENRIQUES

É aquele que segue após os cónegos que se encaminham para suas celas, ao longo das arcarias da crasta?

LOURENÇO VIEGAS

Aquele é, senhor! Quando vós faláveis, ele sorria-se e meneava a cabeça, como quem aprovava o dito.

AFONSO HENRIQUES

Pois será um negro o novo bispo! Ele que se aproxime! (PAUSA - PASSOS NO LAJEDO)

SOLEIMA

Senhor!

AFONSO HENRIQUES

Ah, sois vós! Como hás nome?

SOLEIMA

Senhor, hei nome Soleima.

AFONSO HENRIQUES

És bom clérigo?

SOLEIMA

Na companhia não há dois que sejam melhores.

AFONSO HENRIQUES

Bispo serás. D. Soleima. Vai tomar teus guisamentos, que hoje me cantarás missa.

SOLEIMA - ASSUSTADO

Missa não vos cantarei eu, senhor, que para tal auto não tenho as ordens requeridas.

AFONSO HENRIQUES

D. Soleima, repara bem no que te digo! Sou eu que te mando vás vestir as vestiduras de missa. Escolhe: ou hoje tu subirás os degraus do altar-mor da sé de Coimbra, ou a cabeça te descera de cima dos ombros e rolará pelas lajeas deste pavimento.

SOLEIMA

Que seja cumprida a vossa vontade, senhor! (PASSOS QUE SE AFASTAM)

AFONSO HENRIQUES

E pronto, Lourenço Viegas! Em breve tudo estará consumado! Teremos um BISPO NEGRO, mas de alma mais branca que toda a alvura de D. Bernardo. Kirie-eleyson... Kirie-eleyson... Kirie-eleyson!... - garganteará daqui a pouco D. Soleima, revestido dos hábitos episcopais, junto ao altar da capela-mor. E eu, vós e os dois pagens, de joelhos, ouviremos missa com profunda devoção.

S E P A R A D O R

AMBIENTE DE FESTA - SOLOS DE VIOLA MISTURADOS COM RISOS JUVENIS, PALMAS, ETC. - ESTE AMBIENTE AFASTA-SE LENTAMENTE ATÉ DESAPARECER

AFONSO HENRIQUES

O que acabo de ouvir, Gonçalo de Sousa, a mim só engulhos causa...

GONÇALO DE SOUSA

É o que afirma, senhor, o mensageiro que me enviou o abade do mosteiro de Tibães, onde o cardeal dormiu uma noite para não entrar em Braga. Dizem que o papa o envia a vós, porque vos supõe herege. Em todas as partes por onde o legado passou, em França e em Espanha, vinham a lhe beijar a mão reis, príncipes e senhores: a eleição de D. Soleima não pode, por certo, ir avante...

AFONSO HENRIQUES

Irá, irá, Gonçalo de Sousa! Que o legado tenha tento em si! Não sei eu se haveria aí cardeal ou apostólico, que me estendesse a mão para eu lha beijar, que pelo cotovelo lha não cortasse fora a minha boa espada. Que me importam a mim vilezas dos outros reis e senhores? Vilezas, não as farei eu! (PAUSA) E agora ide, Gonçalo de Sousa! Ide desanuviar vosso semblante. É noite. Em uma das salas mouriscas destes nobres paços de Coimbra há grande sarau. Donas e donzelas, assentadas ao redor do aposento, ouvem os trovadores repetindo ao som da viola e em tom monótono suas magoadas endechas, ou folgam e riem com os arremedilhos satíricos dos truões e farsistas. Os cavaleiros, em pé, ou falam de aventuras amorosas, de justas e de bafúrdios, ou de fossados e lides por terras de mouros fronteiras. Ide pois, Gonçalo de Sousa, que bem precisais! Que nós, entretidos em negócio mais grave do que os prazeres de noite de folgado o permitem, breve com vós seremos. (O AMBIENTE DE FESTA QUE VOLTOU MOMENTOS ANTES, VEM A PRIMEIRO PLANO E FUNDE-SE COM O

S E P A R A D O R

GONÇALO DE SOUSA

Senhor, o legado do papa há chegado a Coimbra: mas o bom do cardeal tremia em cima da sua nédia mula, como se maleitas o houvessem tomado. As vossas palavras, senhor infante, não sido ouvidas por muitos, e alguém, por certo, as houve repetido ao legado. Todavia, apenas passou a porta da cidade, revestindo-se de ânimo, encaminhou-se para aqui. Aguarda vossa presença na sala de armas.

AFONSO HENRIQUES

Recebê-lo-ei, com modos corteses, acompanhado de senhores e cavaleiros. Acompanhai-me! (PASSOS NO CAGEDO - PAUSA) Dom cardeal, que viestes vós fazer a minha terra? Posto que de Roma só mal me tenha vindo, creio me trazeis agora algum ouro, que de seus grandes haveres me manda o senhor papa para estas hostes que faço e com que guerreio, noite e dia, os infiéis da frontaria. Se isto trazeis, aceitar-vô-lo-ei: depois, desembaraçadamente podeis seguir vossa viagem.

CARDEAL

Em meu ânimo a cólera sobrepujou o temor, ao ouvir vossas palavras, que são de amargo escárnio. (TOMANDO ALENTO) Não a trazer-vos riquezas, mas a ensinar-vos a fé vim eu; que dela parece vos esquecesteis, tratando violentamente o bispo D. Bernardo e pondo em seu lugar um bispo sagrado com vossas manoplas, vitoriado só por vós com palavras blasfemas e malditas...

AFONSO HENRIQUES - COLÉRICO

Calai-vos, dom cardeal, que mentis pela gorja! Ensinar-me a fé?! Tão bem em Portugal como em Roma sabemos que Cristo nasceu da Virgem; tão certo, como vós outros Romãos, cremos na santa Trindade. Se a outra coisa vindes, amanhã vos ouvirei: hoje ir-vos podeis a vossa pousada. (PAUSA - PASSOS QUE SE AFASTAM)

GONÇALO DE SOUSA

Toda a ousadia do legado, senhor, desapareceu como fumo; e, sem atinar com resposta, saiu do alcácer.

S E P A R A D O R

AFONSO HENRIQUES

Que se passa? Os sinos harmoniosos da sé costumavam acordar-me tocando as ave-marias: mas neste dia ficaram mudos; e, quando eu me ergui, já o Sol subia para o alto dos céus da banda do oriente.

PAGEM - CHORANDO

Senhor, é que... (UM GRANDE ALARIDO SURGE EM SEGUNDO PLANO)

AFONSO HENRIQUES

Que vozes são estas que soam?

PAGEM

É o povo que pede misericórdia...

AFONSO HENRIQUES

É o povo que pede misericórdia?! Porquê?

PAGEM

O cardeal excomungou esta noite a cidade e partiu...

AFONSO HENRIQUES

Partiu?!

PAGEM

O galo tinha cantado três vezes: pelo arrebol da manhã, o cardeal partia aforradamente de Coimbra, cujos habitantes dormiam ainda repousadamente.

AFONSO HENRIQUES - IRADO

Partiu?!... Ah, eu o ensinarei!

PAGEM - ENTRE LÁGRIMAS

As igrejas estão fechadas; os sinos já não há quem os toque; os clérigos fecham-se em suas pousadas. A maldição do santo padre de Roma caiu sobre nossas cabeças.

AFONSO HENRIQUES

Que enfriem e selem o meu cavalo de batalha. Pagem, que enfriem e selem o meu

melhor corredor, enquanto envergo à pressa um saio de malha e pego em um montante! (PASSOS NO LAJEDO QUE SE AFASTAM)

S E P A R A D O R

AMBIENTE EXTERIOR - UM TROPEL DE CAVALOS VEM A PRIMEIRO PLANO

LOURENÇO VIEGAS - APROXIMANDO-SE

Senhor, senhor, aonde ides sem vossos leais cavaleiros, tão cedo e açodadamente?

AFONSO HENRIQUES - ABRANDANDO A MARCHA

Vou pedir ao legado do papa que se amerceie de mim...

GONÇALO DE SOUSA

Quando pela manhã eu e Lourenço Viegas vos procurámos em vossos paços, soubemos que éreis partido após o legado. Temendo o vosso carácter violento, seguimos-vos a pista à rédea solta, e já cavalgáramos muito quando vimos o pó que vós alevantáveis, correndo ao longo da estrada, e o cintilar do Sol, batendo-vos de chapa na cervilheira. Esporeámos com mais força os ginetes e breve vos alcançámos.

AFONSO HENRIQUES - SOFREANDO O CAVALO

Oh!...

LOURENÇO VIEGAS - BAIXO

Ouvistes, Gonçalo de Sousa, a exclamação do infante?

GONÇALO DE SOUSA

Uma única interjeição lhe fugiu da boca; mas que discurso houvera aí que a igualasse?

LOURENÇO VIEGAS

É o rugido de prazer do tigre, no momento em que salta do fojo sobre a preia descuidada.

AFONSO HENRIQUES

Olhai! Transposta esta assomada que encobria o caminho, que védes, Lourenço Viegas?

LOURENÇO VIEGAS

Que pela encosta abaixo, um clérigo velho, montado em uma alentada mula branca, vindo de Coimbra segue o caminho da Vimieira e, de instante a instante, espicaça os ilhais da cavalgadura com os seus acicates de prata. Em duas outras mulas vão ao lado dele dois mancebos.

AFONSO HENRIQUES - TRIUNFANTE

É ele!; o cardeal, o legado do papa! Já tardava encontrá-lo! Breve o alcançarei. (O TROPEL DE CAVALOS VEM A PRIMEIRO PLANO - UM TEMPO - E PASSA A SEGUNDO PLANO)

CARDEAL

Oh!... É o príncipe que se aproxima... (PARANDO DE CAVALGAR E REZANDO EM VOZ BAIXA E TRÊMULA) Memento mei, Domine, secundum magnam misericordiam tuam! Sim, lembra-te de mim, Senhor, segundo a Tua infinita misericórdia! (O TROPEL DE CAVALOS VEM A PRIMEIRO PLANO E ESTACA - RUÍDO DE FERROS FERINDO FOGO)

GONÇALO DE SOUSA - GRITANDO AFLITO

Senhor, que vos perdeis e nos perdeis, ferindo o ungido de Deus!

CARDEAL - CHORANDO

Príncipe, não me faças mal; que estou à tua mercê!

AFONSO HENRIQUES

Estás à minha mercê?...

LOURENÇO VIEGAS

Não fora a nossa destreza arrancando das espadas e cruzando-as debaixo do golpe, que já descia sobre a cabeça do legado, aparando a pancada, e o crânio deste teria ido fazer mais de quatro redemoinhos nos ares...

AFONSO HENRIQUES

Quem são esses dois mancebos com caras e menelos de beatos, vestidos de opas e tonsurados, mostrando em seu porte e idade que aprendem ainda as pueris ou ouvenas gramaticais?

CARDEAL - ENTRE LÁGRIMAS

Meus sobrinhos são, príncipe!

AFONSO HENRIQUES

Pois bem! Viverás, se desfizeres o mal que causaste. Que seja alevantada a excomunhão lançada sobre Coimbra, e jura-me em nome do apostólico, que nunca mais em meus dias será posto interdito nesta terra portuguesa, conquistada aos mouros por preço de tanto sangue. Em reféns deste pacto ficarão teus sobrinhos. Se, no fim de quatro meses, de Roma não vierem letras de bênção, tem tu por certo que as cabeças lhes voarão de cima dos ombros. Apraz-te este contrato?

CARDEAL - EM VOZ SUMIDA

Senhor, sim!

AFONSO HENRIQUES

Juras?

CARDEAL

Juro.

AFONSO HENRIQUES

Mancebos, acompanhai-me. Vosso tio seguirá sòzinho o caminho da Terra de Santa Maria.

S E P A R A D O R

AMBIENTE INTERIOR - EM SEGUNDO PLANO OS SINOS REPICAM ALEGREMENTE

AFONSO HENRIQUES

Que novas trazeis, dom cardeal?

CARDEAL

Trago-vos letras de bênção de Roma, príncipe.

AFONSO HENRIQUES

Quatro meses hão passado?!

CARDEAL

Ouvi!... (O SOM DOS SINOS APROXIMA-SE UM POUCO) Os sinos da cidade repicam alegremente. D. Soleima diz missa pontifical na capela-mor da Sé de Coimbra. Minha

palavra hei cumprido, príncipe. A buscar meus sobrinhos aqui estou.

AFONSO HENRIQUES

Livres são vossos sobrinhos. Mas, disse, dom cardeal, como aceitou o papa o nosso contrato?

CARDEAL

O santo padre, no princípio, levou a mal nosso pacto, príncipe; mas, por fim, teve dó deste pobre velho, que muitas vezes lhe disse: (EM ECO) Se tu, santo padre, viras sobre ti um cavaleiro tão bravo ter-te pelo cabeção e a espada mui para te cortar a cabeça, e seu cavalo, tão feróz, arranhar a terra, que já te fazia a cova para te enterrar, não somente deras as letras, mas também o papado e a cadeira apostolical. (O REPICAR ALEGRE DOS SINOS VEM A PRIMEIRO PLANO E FUNDE-SE COM O FECHO)

____F____I____M____

Lx. 16/11/976